## Eduarda Mansilla de García – dados biográficos

Eduarda Mansilla (1838-1892) nasceu e morreu em Buenos Aires, Argentina. Era filha de Augustina Ortiz de Rozas, sendo esta irmã mais nova do líder federalista Juan Manuel de Rosas, que governou, por mais de vinte anos, entre 1829 e 1852, a província de Buenos Aires, com amplos poderes sobre toda a Argentina. Seu pai, o General Lucio Norberto Mansilla, teve uma prolongada carreira militar e política. Dentre outras atuações, participou da defesa de Buenos Aires contra as invasões inglesas de 1806 e 1807; integrou o Exército dos Andes, organizado por San Martín, participando de importantes batalhas que contribuíram para a independência do Chile, como as de Chacabuco (1817) e Maipú (1818); foi governador da província de Entre Ríos entre 1821 e 1824 e apoiou, em 1826, a constituição do governo unitário de Bernardino Rivadavia. A despeito do apoio ao político unitário, participou, posteriormente, de forma ativa no governo Rosas, de tendência oposta: ocupou cargo de chefe de polícia de Buenos Aires entre 1833 e 1835, foi membro da legislatura de Buenos Aires entre 1840 e 1844, lutou contra os ingleses e franceses, na Batalha de Obligado, de 1845 e em 1852, quando Rosas se dirigiu para a Batalha de Caseros, que pôs fim ao seu governo, Lucio N. Mansilla ocupou função de comandante da cidade de Buenos Aires.

No rol de “personagens célebres” da família de Eduarda Mansilla se destacava também seu irmão, Lucio V. Mansilla, escritor da chamada “Geração de ‘80”, periodista, político, inveterado viajante e autor de *Excursión a los índios Ranqueles*, no qual descreve uma campanha contra os índios no interior do país, à época da organização do Estado nacional argentino, na segunda metade do século XIX.

Muito cedo, Eduarda Mansilla aprendeu a falar o francês. A propósito de sua formação, recebeu a educação elementar em escola particular, como assinala seu irmão Lucio V. Mansilla em seu livro *Mis memorias*. Depois disso, começou a receber preceptores em sua casa, mas também foi acompanhada, nos estudos, pela mãe.

Apesar da ligação familiar com o federalismo, Eduarda casou-se, em 1855, com 17 anos, com o advogado, político e diplomata Manuel Rafael García, partidário dos unitários, tradicionalmente rivais à política federalista de Rosas. Manuel R. García, nascido em 1826, era de família *criolla* e abastada, que também manteve íntimas relações com o poder na Argentina. Fez sua formação escolar em Buenos Aires, no Colégio Santo Ignácio, de jesuítas, e depois se formou advogado; entretanto, como o pai, seguiria posteriormente a carreira diplomática. Na década de 1840, partiu para a Europa, onde viajou para a Espanha, para conhecer parte da família que lá vivia, e para Paris, para aperfeiçoar o idioma francês. De volta a Buenos Aires, entrou para a política e tornou-se deputado, em 1856. Em 1861, iniciou sua carreira diplomática, que o levaria a passar o resto da vida entre a Europa e os Estados Unidos. Eduarda Mansilla o acompanhou em grande parte de suas viagens.

O casamento com um diplomata deu à autora a oportunidade de viajar entre a Europa e os Estados Unidos. Em 1861, seu marido foi comissionado numa missão diplomática para estudar as características e o funcionamento da justiça nos Estados Unidos. Vinte anos depois, em 1882, Eduarda retrataria, em um livro de memórias, esta primeira viagem, realizada quando o país atravessava a Guerra Civil. Trata-se de *Recuerdos de Viaje.* A primeira permanência nos Estados Unidos durou até 1863, quando seu marido foi designado, por Bartolomeu Mitre, então presidente da Argentina, como primeiro secretário de quatro legações argentinas na Europa: França, Inglaterra, Itália e Espanha. A segunda etapa nos Estados Unidos ocorreu entre 1868 e 1873, tendo sido Manuel R. García indicado como ministro plenipotenciário naquele país, em substituição a Domingo F. Sarmiento, que estava nos Estados Unidos e tinha sido eleito presidente da Argentina. O retorno à Europa, em 1873, se deu em razão da ordem recebida por García, pelo governo argentino de Sarmiento, de que se encaminhasse para a Inglaterra, para dirigir a construção da primeira frota de guerra moderna da Argentina, função que manteve paralelamente à de ministro plenipotenciário dos Estados Unidos. Eduarda se estabeleceu com os seis filhos em Paris, enquanto seu marido viveu entre esta cidade e Londres. Em 1875, sua única filha mulher, Eda, casou-se com um militar e nobre francês, o Barão Charles de Lagatinerie.

Alguns anos depois, Eduarda Mansilla voltou para Buenos Aires com os dois filhos menores, deixando seu marido na Europa e os outros filhos sob os cuidados de Eduarda, a filha mais velha, então já casada.

Em meados da década de 1880, tendo voltado à Europa, Eduarda Mansilla se instalou em Paris, enquanto seu marido foi transferido para Viena. Em 1886 Eduarda residiu em Florença e em 1887 viajou para Viena, para estar perto do marido que se encontrava doente e que morreu neste mesmo ano. Depois da morte de Manuel R. García, seguiu com os filhos e genro para Buenos Aires, para resolver questões testamentárias. Voltou ainda a residir em Viena, onde um de seus filhos, Daniel García, exercia cargo diplomático, missão interrompida em função de uma crise política na Argentina em 1890, o que determinou o retorno da família para Buenos Aires.

Eduarda viveria mais dois anos em sua cidade natal, onde faleceu, em 1892, aos 54 anos de idade.

Ao longo de suas viagens pela Europa e Estados Unidos, Eduarda Mansilla cumpriu uma vasta “agenda diplomática” como acompanhante de seu marido. Além disso, como já foi lembrado, criou, fora de seu país, seus seis filhos. Apesar de ter produzido enquanto viajava, o grosso de sua obra foi publicado nos momentos em que esteve na Argentina. Seus dois primeiros romances, *El médico de San Luis* e *Lucía Miranda*, são de 1860, antes da primeira viagem para os Estados Unidos. Em seu retorno à Argentina, publicou *Cuentos* (literatura infantil, 1880), *La Marquesa de Altamira* (drama, 1881); *Recuerdos de viaje* (memórias, 1882); *Creaciones* (contos, 1883) e *Un amor* (romance, 1885). Exceção feita ao seu romance *Pablo, ou la vie dans les Pampas*, que foi primeiramente publicado em Paris – em francês -, em 1869.

Além dessas obras, colaborou com artigos em periódicos portenhos. Escreveu sobre teatro na revista *La flor del aire*, que teve a meteórica duração de um mês, no ano de 1864; sobre música em *El Alba*, em 1868 e em *La Gaceta Musical*, entre 1879 e 1982; por fim, sobre moda em *El Plata Ilustrado*, publicação semanal que vigorou de 1871 a 1873. Também consta que, sendo aficionada pela música, compôs canções e foi crítica de ópera.